

01...

No rastro dos Guimarães

Com a ajuda de um valente Mitsubishi Pajero TR4, nossos repórteres rodaram mais de paisagens que marcaram três conterrâneos ilustres, os escritores Bernardo Guimarães,

dois mil quilômetros por Minas Gerais. Sua missão: costurar histórias, personagens e Alphonsus de Guimaraens e João Guimarães Rosa

Minas Gerais faz pose de santa, finge que não é com ela, mas, na maciota, leva todos no papo. Uma conversa boa demais, de palavras que engancham umas nas outras e recordam causos de fazer esquecer o resto da tarde. Se o que se ouve, pasma, o que se vê, estanca. Do sobe-e-desce das cidades históricas às montanhas-russas da Serra do Espinhaço, tudo pede um minutinho a mais. E quanto mais tempo se tem, mais se esbarra na vida e na obra dos Guimarães: Bernardo (1825-1884), Alphonsus (1870-1921) e João Rosa (1908-1967). Além do sobrenome, os três compartilham a forte influência que a terra mineira teve em suas vidas e sobre seus livros. Com a missão de rasgar o miolo do Estado que “principia de dentro para fora e do céu para o chão”, como definiu João Guimarães Rosa, convocamos alguém que nasceu para rodar na poeira e adora uma estrada esburacada: o Mitsubishi Pajero

TR4. Elá foi ele, rodar de São João Del Rei, Ouro Preto e Mariana até Andrequicé e Três Marias, passando por Cordisburgo e Curvelo. Nesses lugares, personagens ecoam com orgulho andanças e histórias dos três Guimarães. Entre uma cidade e outra, surpresas como o lobo-guará e os tucanos que deram o ar da graça nas redondezas de Andrequicé. De terra ou de asfalto, pisos das mais distintas qualidades viraram um tapete uniforme sob a tração 4x4 do automóvel. Se a escalada de uma trilha fizesse cara feia, nada que uma reduzida não resolvesse. A Pajero TR4 só ganhou uma folguinha no início da jornada, quando foi substituído pela maria-fumaça norte-americana Baldwin número 22, de 1908. Peça rara. Nos fins de semana, a irresistível locomotiva — apitando pelos cotovelos — sacoleja durante 35 minutos entre São João Del Rei e Tiradentes. Um ótimo sinal da espetacular viagem que estava por vir.

O lendário vaqueiro Manuelzão, que acompanhou o escritor Guimarães Rosa na viagem de 1952. O retrato foi feito em 1995 por Márcio Scavone

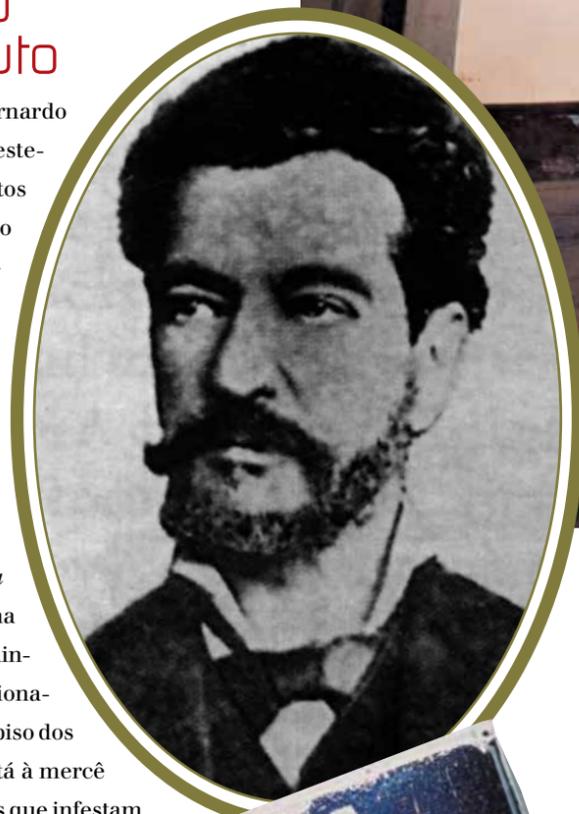
P o r D é c i o G a l i n a | F o t o s R i c a r d o R o l l o

MG



O velório fajuto e o cachaçoduto

O sobrado de esquina de Bernardo Guimarães em Ouro Preto já testemunhou os últimos passos de muitos homens. No século XVIII, quando o ouro brotava na superfície dos riachos da outrora Vila Rica, a rua Alvarenga era o Caminho das Cabeças. Nome mais que adequado para a estreita trilha que levava à forca. A casa onde viveu o autor de *Cantos de Solidão* (1852), *O Garimpeiro e O Seminarista* (ambos de 1872) e *A Escrava Isaura* (1875) — lançado em plena campanha abolicionista — está caindo aos pedaços. A escada que funcionava como entrada principal ruiu. O piso dos 13 cômodos do primeiro andar está à mercê do tempo e dos hábitos das pombas que infestam o telhado. “Entre 1957 e 1997, funcionou aqui um asilo que atendia duas dezenas de velhinhos”, explica o confrade José Egídio Xavier, presidente do Conselho da Sociedade São Vicente de Paulo. “Agora aguardamos a decisão da Secretaria de Cultura do Estado sobre o futuro do imóvel”, afirma José, para quem seria ótimo transformar o sobradão em pousada. Patrono da cadeira número 5 da Academia Brasileira de Letras (atualmente ocupada por Rachel de Queiroz), Bernardo



José Egídio cuida da chave e de pequenas reformas na casa onde viveu Bernardo Guimarães (à esquerda). O sobradão de esquina fica próximo à rua que levou o nome do patrono da cadeira número 5 da Academia Brasileira de Letras

Guimarães gozou a vida boêmia e festiva enquanto cursava direito na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Quando faltava dinheiro, abusava da criatividade. Consta que em 1850 chegou ao cúmulo de organizar um velório fajuto. O “defunto” era o colega e futuro dramaturgo Manuel Antônio Álvares de Azevedo, e o dinheiro, recolhido entre os estudantes, transmutou-se em cerveja para alguns

poucos e bons. Formado, Bernardo seguiu fiel a seu estilo folclórico. Em 1861, como juiz em Catalão (GO), libertou todos os presos por delitos leves, porque a cadeia estava abarrotada.

Tão notória era a sede de Bernardo pelo álcool que, reza a lenda, teria inventado o primeiro cachaçoduto brasileiro. “A família proibiu que ele saísse sozinho, pois estava bebendo demais”, conta um professor de Ouro Preto que prefere o anonimato. “Então, pegou um cano de chumbo e ligou um barril no fundo da casa ao escritório.” Nos fundos do terreno passava uma estrada de tropas. Um dos tropeiros, amigo de Bernardo, se encarregava de manter o barril sempre cheio.

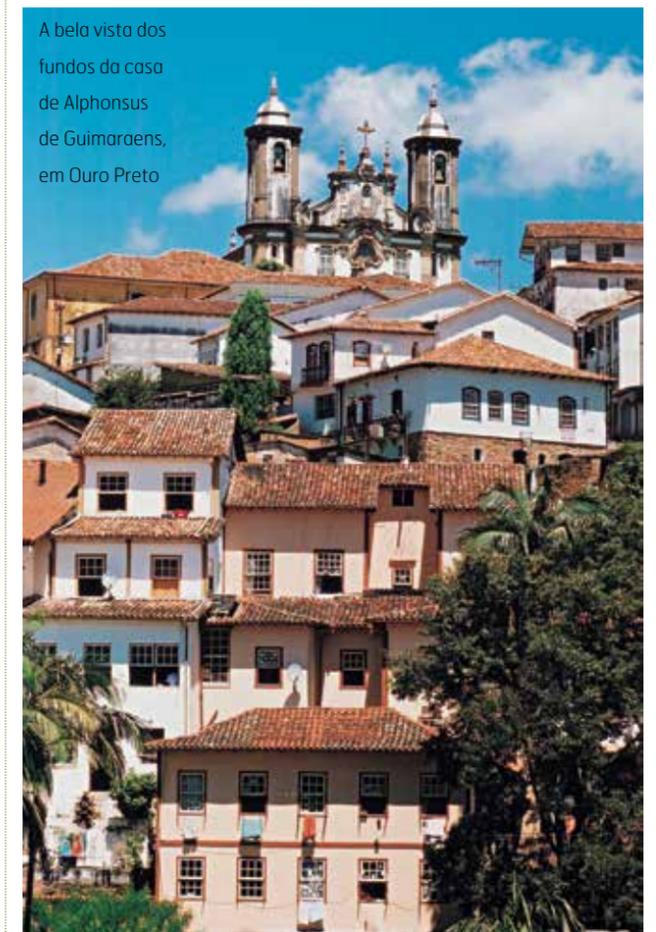
O escritor, um dos pais do regionalismo, morreu aos 58 anos na mesma cidade em que nasceu. O túmulo, no cemitério atrás da igreja de São José em Ouro Preto, foi o único que restou depois das fortes chuvas de 1979. “O morro ameaçou desmoronar”, lembra o padre José Feliciano da Costa Simões. “E todas as lápides foram retiradas para diminuir o peso do solo.” Só a de Bernardo permaneceu.

A tristeza que virou poesia

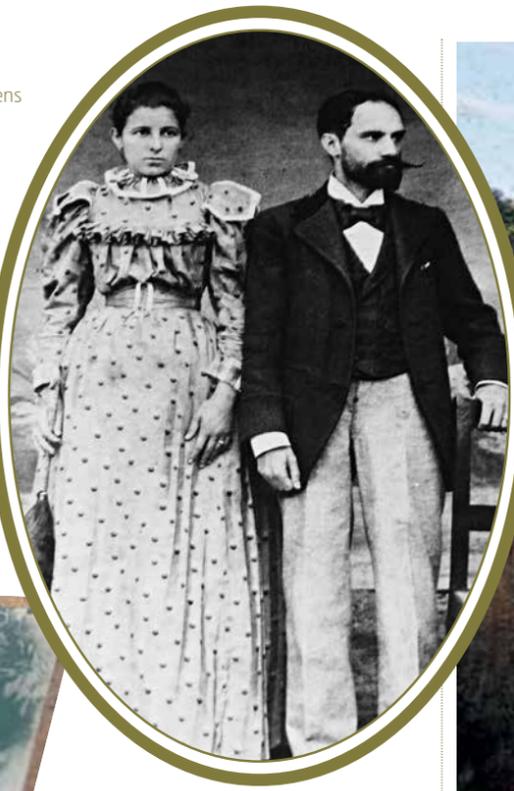
Se a casa de Bernardo Guimarães não anda bem das pernas, o sobrado de cinco pavimentos onde o poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens nasceu em 1870 esbanja vitalidade. O esmero com o imóvel se observa desde o monograma AG que ornamenta o portão preto da rua São José, número 27, em Ouro Preto. As letras indicam o nome de Albino da Costa Guimarães, pai do autor de *Septenário das Dores de Nossa Senhora* (1899) e *Kyriale* (1902), casado com uma sobrinha de Bernardo. Os arredores atraem pelo conjunto arquitetônico e pela história que emana do piso de pedra.

Logo ali estão o Chafariz, a Casa e a Ponte dos Contos, com traçado vindo de Portugal. Outras dezenas de passos levam até a Associação Comercial, na rua Tiradentes, justamente naqueles metros quadrados que um dia foram o lar do alferes e dentista Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792). Enforcado e esquartejado, o Tiradentes teve a “casa arrasada e o terreno salgado”, segundo o *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira. Editada pela primeira vez em 1958, a obra, hoje publicada pela Ediouro, ainda é a melhor companhia para o turista. A cabeça do inconfiante, morto no Largo da Lampadosa, no Rio de Janeiro, ficou exposta na praça que atualmente leva seu nome. ▶

A bela vista dos fundos da casa de Alphonsus de Guimaraens, em Ouro Preto



Alphonsus de Guimaraens ao lado de Zenaide, com quem teve 15 filhos. Abaixo, Constança, filha de Bernardo Guimarães. A jovem, grande amor da vida de Alphonsus, morreu aos 17 anos



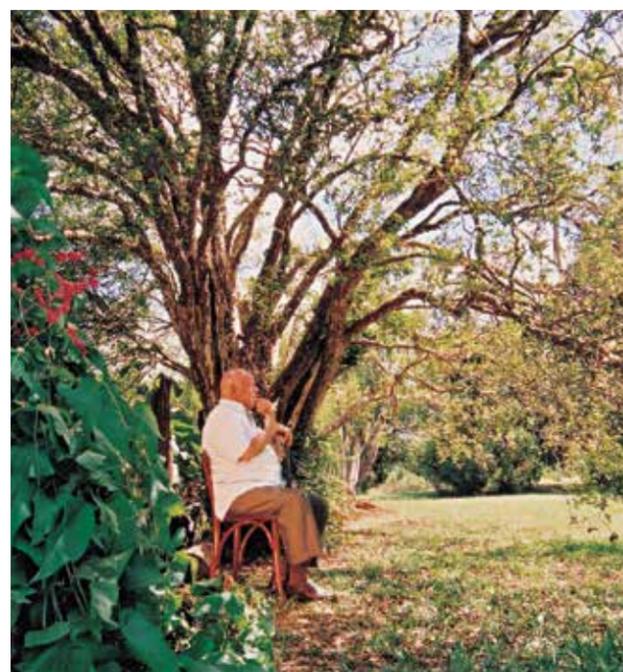
no coração da cidade. Depois, sumiu. Há quem acredite que o padre Manuel da Silva Gatto tenha surrupiado a cabeça do mastro e, pouco antes de morrer, entregue a... Bernardo Guimarães. O poeta teria enterrado a relíquia no quintal de casa.

De volta à rua São José, 27, quem hoje vive ali, feliz da vida, é a administradora de empresas Fátima Tropia. “A energia da casa é muito boa”, comenta. “É muito bom morar na casa natal de um poeta do quilate de Alphonsus.” Ninguém marcou a existência do simbolista como a prima Constança, seu grande amor e filha do tio-avô Bernardo Guimarães. Acontece que a mocinha adoeceu e morreu muito jovem, aos 17 anos. A partir daí, a vida de Alphonsus virou uma tristeza só.

Nomeado juiz, mudou-se para a cidade vizinha de Mariana. Casou-se com Zenaide e teve 14 filhos — todos perfeitos. A 15ª criança, contra a grita geral da família, decidiu batizar de Constança. Aziaga escolha. Com pouco mais de um ano, a risonha Constancinha partiu. Dois meses depois, em julho de 1921, sem conseguir reagir ao baque, foi a vez do pai. Alphonsus morreu no sobrado número 35, na rua Direita, em Mariana, onde funciona um museu a ele dedicado. Foi ali que aconteceu também o histórico encontro de Alphonsus com o então jovem poeta Mario de Andrade, em 1919 — eternizado no poema “A Visita”, de Carlos Drummond de Andrade.



Mitsubishi Pajero TR4 em ação fazendo o que mais gosta: se enfiando em trilhas cheias de buraco, lama e história



José Saturnino Filho não quis arriscar as 2.000 cabeças de gado que estavam prontas para o corte. Então, proibiu a visita da comitiva da qual fazia parte Guimarães Rosa (na página ao lado), em 1952. Na foto, Saturnino relaxa sob a jabuticabeira onde o escritor se esbaldava da fruta

Com a cara na porta

A travessia pelo sertão mineiro aproximava-se do ponto final. Os oito vaqueiros e João Guimarães Rosa — caderneta pendurada no pescoço, com as preciosas anotações de toda uma novilíngua — tocavam 360 cabeças de gado desde a fazenda da Sirga (Três Marias) até a São Francisco (Araçaí). Um roteiro de 10 dias e 40 léguas (cerca de 240 quilômetros), iniciado em 19 de maio de 1952. Àquela altura da vida, o diplomata João já percebera que seu negócio era, decididamente, a literatura.

Nascido em 1908 na pequena Cordisburgo, ao lado de Araçaí, João formara-se em medicina, participara da revolução de 1952 como oficial-médico e depois entrara para o Itamaraty. Em 1946, lançara *Sagarana*. As anotações da viagem que agora terminava serviriam de base para o romance *Grande Sertão: Veredas* e para *Corpo de Baile*, originalmente uma trilogia sobre as gentes e os mistérios das Geraes. Ambos saíram em 1956. *Grande Sertão* se tornaria um marco na literatura mundial. Nonada.

Naquele 1952, entretanto, um moído João Guimarães Rosa só pensava em chegar o quanto antes à fazenda Saco dos Cochos, onde a comitiva descansaria. Mas deu com a cara na porta. O amigo de infância José Saturnino Filho não o recebeu. Passado mais de meio século, sentado na varanda da sede da fazenda, Saturnino, um médico de 91 anos, recorda o episódio. “Senti não poder recebê-lo”, se desculpa. “Mas é que eu estava com 2.000 reses prontas para o corte, e não quis arriscar.” Se o gado de Rosa e seus camaradas tivesse aftosa, o amigo Saturnino perderia tudo. Ao lembrar do escritor, o fazendeiro pinça as palavras com cuidado. “Era um homem muito alegre, jovial, de conversa agradável.” Um breve silêncio é atropelado. “Guimarães Rosa morreu cedo, poderia estar aqui, falando conosco.” Depois, pensa melhor. “Mas a idade que tenho nas costas também não é fácil.” E arremata: “É tanta coisa na vida”.



AGÊNCIA ESTADO





Newton Vieira, com a mão no queixo, é secretário geral da Academia Curvelana de Letras e um dos fundadores da Academia Corintiana de Letras. Acima, flagrante de um lobo-guará na região de Andrequicé. Na outra página, o vaqueiro Wilson posa junto à porteira da fazenda Santa Catarina

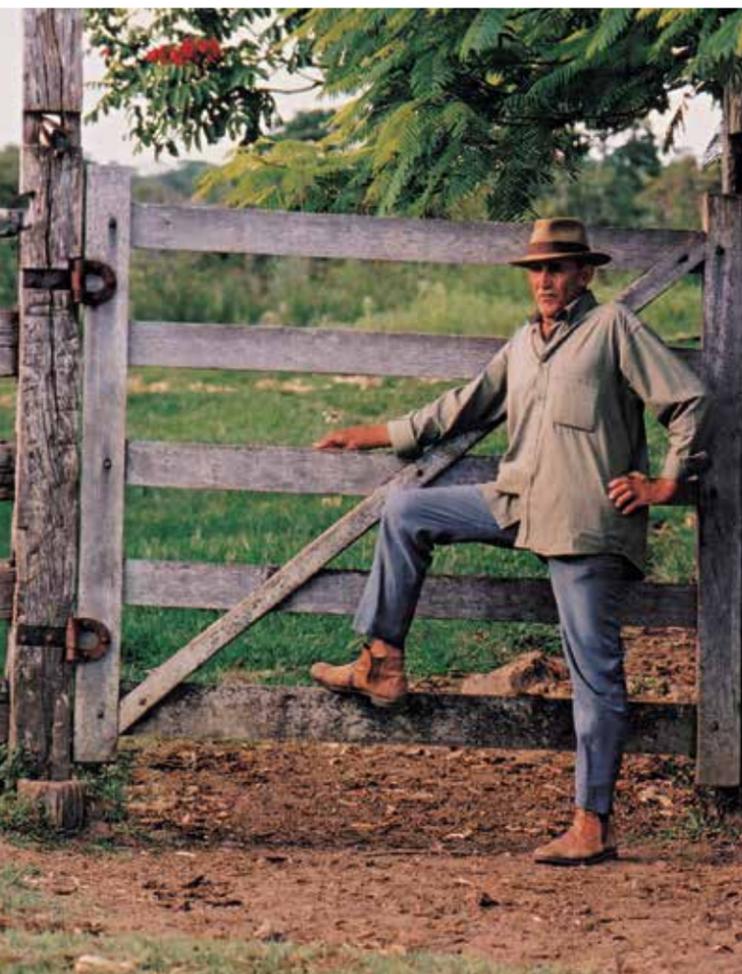
“A alegria do sertão acabou”

Newton Vieira tem 55 anos e é solteiro. Joga pelada duas vezes por semana na sede campestre do Clube Recreativo de Curvelo. Faz musculação de segunda a sexta. Às vezes, até sábado. “É por uma questão estética”, explica. “Estava me sentindo barrigudinho.” Newton entrou no seminário aos 15 anos, mas desistiu quatro anos depois. Longe da batina, se diverte. “Frequênto festas, vou a far-ras.” No seminário, entretanto, descobriu sua vocação: a literatura. “Me apaixonei pela obra de Alphonsus de Guimaraens.” A veneração atingiu um nível que Alphonsus, um poeta amargurado, de alma dilacerada, virou apelido de Newton, sempre de bem com a vida. Animado com as águas da literatura, mergulhou de cabeça nos livros e hoje é secretário geral da Academia Curvelana de Letras. Das 20 cadeiras, a dele é a número 13. “Duas cadeiras estão desocupadas por falecimento, mas já conversamos com pessoas de substrato cultural.” O Alphonsus de Curvelo participou, na vizinha Corinto, da fundação da Academia Corintiana de Letras, além de fundar e presidir a União Brasileira de Trovadores. ▶



Servido nos **melhores** estabelecimentos do mundo e nos mais duvidosos também.





Barba feita

Manuel Nardi, o vaqueiro que há mais de meio século ajudou a levar a boiada da fazenda da Sirga, em Três Marias, à São Francisco, em Araçaí, anda hoje encantado pelo sertão. Sumiu em 1997, mas tornou-se lenda ainda em vida. Isso porque cada vereda, cada buriti, parece ter uma história para contar sobre o protagonista da novela *Uma Estória de Amor (Festa de Manuelzão)*, parte integrante de *Corpo de Baile*. Não há quem sinta tanta saudade de Manuelzão, porém, como a viúva Dirlinda Alves Nardi, 79 anos, a dona Didi. A casinha branca de janelas azuis, na qual o vaqueiro viveu em Andrequicé, está se transformando em um museu. “Ele era muito carinhoso”, lembra ela, sorrindo na cadeira onde o marido se acomodava para o almoço. “Só estava pronto para viagem depois que eu aparasse a barba dele.” As cabeçadas que o vaqueiro de mais de 1,90 metro dava nas vigas do telhado também rendem risadas. “Eu dizia para levantar aquela parte do telhado, mas ele respondia: ‘Ah, Di, deixa do jeito que tá!’” O vaqueiro de fala mansa e voz rouca tinha lá suas manias. Ou mandingas, como prefere o vaqueiro Sidnei de Oliveira, o Si. “Manuelzão tinha uns ▶



Sebastião Leite, 72 anos, é o único remanescente dos oito vaqueiros que acompanharam Guimarães Rosa na viagem entre veredas e buritis

O papo está bom, mas a viagem pede passagem. A idéia é subir rumo norte, atravessar Corinto — a Atenas do sertão, como é conhecida na região — e aproveitar as estradas de chão para flagrar a rotina da vida selvagem. Finalmente, Andrequicé, distrito de Três Marias. Aqui, deixemos de lado o vaqueiro Manuelzão por alguns instantes. Vamos para a fazenda Santa Catarina. O vaqueiro Wilson Marcos Soares, 66 anos, mal fecha a porteira e já engata na conversa. “A vida na roça é meio grosseira”, resume. “Mas, se falta cobre, em compensação sobra sossego.” Wilson confessa que não reparou muito em João Guimarães Rosa quando a comitiva pernitoitou na fazenda em 1952. “Eu era besta, acanhado”, confessa. Ficava escondido das pessoas estranhas. A timidez não impede uma confiança, porém. Wilson lembra que o escritor dormiu justamente no quarto assombrado da sede. “Ele não notou nada”, conta. “Mas sempre ouvíamos cama arrastando naquele quarto vazio.” Ao comparar o presente com o passado, Wilson não pensa muito. “Lindo era escutar a zoadá do berrante conduzindo a boiada”, recorda. “Agora é tudo no lombo do caminhão: a alegria do sertão acabou.”

Credibilidade a cada acesso

Aymoré

veículos

O número de acessos ao site www.aymoreveiculos.com.br aumenta a cada dia. É a maior prova de que a credibilidade e o respeito pelos internautas fazem a diferença. Milhares deles já se beneficiaram com o anúncio gratuito de seus automóveis. Daí a escolher o novo carro entre mais de 35.000 opções é apenas um passo. O site ainda oferece tabela de valores, dicas de mecânica e muito mais. Afinal, é o ABN AMRO Bank Aymoré Financiamentos que garante essa segurança, há mais de três décadas.

 **ABN·AMRO** Bank
Aymoré Financiamentos

O SITE QUE REFLETE CONFIANÇA
www.aymoreveiculos.com.br

Prestes a decolar

De tão repetida, a frase virou bordão da viagem: “Dá sim, vamos lá”. Era só o que o fotógrafo (e piloto) Ricardo Rollo dizia quando encontrávamos qualquer obstáculo em nosso “Roteiro dos Guimarães” pelas Minas Gerais. Por mais que a trilha se mostrasse precária, ou o topo da montanha parecesse distante, o Mitsubishi Pajero TR4 não titubeava: ia e pronto. Experiente colaborador de revistas especializadas em automóveis, como *Quatro Rodas*, Rollo ficou impressionado com a dirigibilidade do veículo. “Tanto em curvas perigosas como nos momentos em que era possível acelerar forte, a Pajero TR4 demonstrou ótimo desempenho.”

A TR4 dispõe de um item fundamental para a prática do off road. Trata-se do bloqueio do diferencial central. Uma vez acionado, ele faz com que os eixos girem por igual. Resultado: mesmo com uma — ou até duas — rodas no ar, não há atoleiro ou buraco que faça da TR4 um prisioneiro.

Em viagens longas como a nossa, que durou 14 dias, o portamalas de 500 litros revelou-se uma bênção: barraca, sacos de

dormir, fogareiro, cantis, equipamento fotográfico, tripé e bagagem não precisaram ser empilhados ou massacrados. Outro ponto a favor é a velocidade máxima de 164 km/h — mais do que suficiente para tirar o atraso dos trechos de terra. “O carro é alto, bom para andar no mato”, atestou o vaqueiro Wilson Marcos Soares, acostumado a tocar a boiada por aquele mundão de Deus.

Entre as estradas do roteiro, desvios inesperados na rodovia Fernão Dias mereceram atenção especial. Já os 22 quilômetros que separam Cordisburgo da BR-040 chamaram atenção pela bela paisagem de árvores esparsas no relevo levemente ondulado. De Cordisburgo para Curvelo, claro que o atalho de 32 quilômetros de terra nos pareceu bem mais atraente do que a volta pelo asfalto. E nada foi mais bonito do que a trilha de pura poeira entre Corinto e Andrequicé. Um aviso: mantenha um olho na vida selvagem e o outro no velocímetro. Caso contrário, a TR4 corre o risco de decolar.

mistérios que não ensinava”, conta. Si fala em tom sério, respeitoso. “Manuelzão não era cismado, indeciso com nada”, revela. “Achava cachaça na encruzilhada e afundava o queixo.”

Dos oito peões que acompanharam Guimarães Rosa, resta um vivo. Sebastião Leite de Moares, 72 anos, lembra o momento que o escritor se juntou à turma. “Achei que ele não ia agüentar a viagem”, começa Tião, de jeito quieto. “Mas no final passou mais fácil que nós...” Guimarães Rosa foi com a mula Balalaica, escolhida por Manuelzão. Há 22 anos Tião e a mulher, Luíza, de 77 anos, tomaram uma decisão que quase mata o vaqueiro: saíram da roça para a cidade. Atualmente ocupam o número 82 da rua São Paulo, no centro de Três Marias, ao lado da represa homônima, no rio São Francisco. Operado da úlcera, com marca-passo e pressão baixa, Tião se convenceu — de cara fechada — das facilidades de morar na zona urbana. “Pro meu gosto era melhor ficar com os bichos”, desabafa. “Estou cumprindo uma sorte aqui. Não gosto mesmo.” Tião é direto, como todos da região. Talvez por isso as prosas fascinem tanto e, quando menos se espera, o visitante já esteja agarrado na conversa. E o senhor sonha com o passado na roça? “Sonhar, a gente não sonha, mas lembra. A saudade é direto. Já foi. Hoje não é mais.” 🍷



Dona Didi, jogando conversa fora no banco onde Manuelzão almoçava.